
Arrabal e a potência do diálogo com a Cia de 2

Priscila Gontijo¹

A 33^o edição do Festivale trouxe ao palco do Centro de Estudos Teatrais, na noite de sexta-feira, 31 de agosto de 2018, o espetáculo *O arquiteto e o imperador da Assíria* escrita em 1966 pelo dramaturgo espanhol Fernando Arrabal (1932), com a Cia de 2, de São José dos Campos.

Tendo por cenário uma ilha deserta, a peça exhibe a relação entre um homem primitivo (Arquiteto), nativo da ilha e um civilizado (Imperador), único sobrevivente de um acidente de avião. O Imperador, representante de um mundo civilizado exerce um poder implacável sobre o Arquiteto, representante do homem selvagem, por deter o monopólio do conhecimento. Porém, conforme a peça avança, vemos que o dom do Arquiteto em sua íntima conexão com a natureza, inverte e embaralha a visão legitimada que temos sobre o poder e nos convoca a uma posição crítica e desafiadora dos dias atuais.

Na encenação da Cia de 2, o tema da manipulação e do poder midiático se amplia para outras camadas do texto, convidando a plateia a ressignificar a concepção de poder na atualidade. Em uma montagem que preza pelo texto e pela atuação, os apartes da personagem do Imperador, personagem interpretado por Jonas di Paula, auxiliam na quebra da ilusão criando uma performatividade cênica que dialoga com nosso tempo. Resoluções simples como a de quando o Arquiteto, interpretado por Jean de Oliveira, pede água para um passarinho e esta surge em um copo de plástico presa por um fio de náilon descendo do teto até a cena, ou quando de um martelo, evidenciam o tempo todo de que se trata de teatro sem qualquer aporte desnecessário.

Nessa arena cênica, os jogos entre tirano e súdito, juiz e réu, mãe e filho, Deus e criatura, reivindicam uma situação de limiar, de fronteira, entre o “eu” e o

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

“outro”, entre a ordem e a desordem, entre o dentro e o fora, numa inversão de papéis que provoca uma polifonia de vozes – nos termos de Bakhtin, a polifonia se manifesta quando diversos pontos de vista faz emergir um embate de ideias entre personagens distintas em diferentes planos.

Na encenação da Cia de 2, além do embate entre as personagens – que tentam entender esse “reino da desordem” através de jogos em que interpretam diferentes personagens, frequentemente invertendo-os, – vemos que o ponto de vista do espectador também é chamado para dentro da arena, rompendo, assim, com a visão monológica do drama tradicional fechado em si mesmo. Esse ponto é uma das tarefas mais difíceis do teatro contemporâneo e se realiza na encenação dirigida por Leonardo Antunes pela potencialidade de uma encenação que prioriza o jogo entre os atores.

A encenação precisa, sóbria e econômica reativa a potência dramática do texto. Sem qualquer virtuosismo cênico, vemos esse mundo de naufragos perdidos em um oceano de dúvidas e frustrações em diálogo com um mundo dominado pela desordem aparentemente irreversível.

O excelente trabalho físico dos atores, o jogo cênico e brutal entre eles, revela uma encenação que problematiza a questão do poder através de jogos entre personagens inseridas em contextos religiosos, políticos, afetivos e metafísicos.

A encenação enfatiza o que há de fundamental no texto de Arrabal: nos faz lembrar da sede que sentimos de conversar com outros pontos de vista, que não apenas o do homem ocidental capitalista e normatizado por preceitos morais. Habitar outros universos, outros discursos, é a saída contemporânea para a explosão de um pensamento monológico que nos sufoca, em que compartilhamos o tempo todo do mesmo ponto de vista, sempre bipolarizado, cindido.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

Na encenação, quando vemos as personagens se ejetarem do círculo de areia em que estão presas, surge uma suspensão no tempo, um estranhamento. A realidade torna-se um teatro, mas tão planetário e tão da mesma idade que nos faz repensar alguns posicionamentos sobre a questão do poder, nos tempos atuais, que pouco tem a ver com ocupar cargos privilegiados. Surge a necessidade dessa frequentação de outros pontos de vista. Está presente na encenação da Cia de 2, esse jogo temporal antropológico, metafísico, político, micro político de forças intensivas. De uma ética alegre, segundo Spinoza.

Como reserva, registra-se apenas algumas restrições à interpretação das personagens femininas durante o julgamento em que o Imperador desempenha outros papéis. Ao ceder ao estereótipo da mulher-esposa, perde-se em densidade dramática, operando por uma via estigmatizada desnecessária à ação. O primeiro ato revela uma precisão cênica mais desenvolvida do que o segundo ato, talvez, por conta da dificuldade desse jogo dentro do jogo, em que as personagens desempenham outros papéis, porém, no segundo ato, pedindo mais densidade de interpretação.

De qualquer forma, quando a encenação está a altura de um texto como este de Arrabal – e a encenação da Cia de 2 consegue alcançar essa difícil tarefa – só nos resta voltarmos os olhos para dentro afim de quem sabe – estarmos à altura dessa alteridade urgente que nos convoca a olhar para fora.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.